

A INFLUÊNCIA DO AGRONEGÓCIO NO SETOR EDUCACIONAL: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE QUE PERMEIAM OS MATERIAIS DIDÁTICOS

SARA SCHWAB HÖEHR; CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA²;

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – sara.hoehr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPel – caroline.terraoliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge no processo de realização da Especialização em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, e tem sua continuidade no projeto de Mestrado em Educação na mesma instituição. Assim, a presente pesquisa em andamento objetiva analisar materiais didáticos promovidos pelo setor do agronegócio no cerne da Educação Básica brasileira e como estes contribuem para a modificação da narrativa socioambiental. O material didático é um aporte da práxis docente, impregnado de sentidos e valores, assim, vem, cada vez mais, tornando-se um campo de disputas políticas e simbólicas, considerando o contexto neoliberal e o crescimento do setor de commodities, cuja influência amplia-se para o campo educacional para, assim, fomentar suas pautas.

NANNINI (2023) expõe que uma das maiores pautas atuais é a hegemonia do agronegócio e do setor de commodities no país. Logo, elenca-se aqui um contexto de avanço neoliberal e de disputas por narrativas no espaço escolar, o agronegócio ocupa um novo território: o currículo.

Um bom exemplo é a Associação “De Olho no Material Escolar”, que ganhou força durante o período de ensino remoto na pandemia da COVID-19. Criada por “mães do agro”, como autodenominam-se, descreve-se em seu site como:

[...] uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que busca a **melhoria da qualidade da educação brasileira** por meio do ensino pautado em **evidências científicas**, conectado com a **vivência prática** e focado nos **resultados da aprendizagem**, para que as futuras gerações desenvolvam plenamente seu potencial e tenham oportunidade de uma **vida produtiva e próspera**.

A Associação conta com seis programas, atuando em diversas frentes, inclusive na esfera política, sua principal articulação, e no programa intitulado “Agroteca”. O viés ideológico é explícito, ao propor a atualização dos livros didáticos e a formação docente alinhada à lógica do agronegócio, para assim, fomentar o setor na sala de aula.

Na mesma linha, na esteira do setor das commodities, o movimento “Todos a Uma Só Voz” lançou a cartilha ABC do Agro, voltada ao público infantil e apresentada como uma proposta educativa de caráter lúdico e formativo. Tais materiais, contudo, incorporam uma narrativa que naturaliza o agronegócio como sinônimo de progresso, inovação e sustentabilidade, sem abrir espaço para os conflitos socioambientais que o cercam.

Destaca-se, ainda, que a área educacional já é um alvo estratégico do setor empresarial, há alguns anos. A Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG, em meados dos anos 2000, lançava seu primeiro Programa Educacional, em Ribeirão Preto, com o intuito de levar e elevar a imagem do agronegócio nas instituições

públicas. De acordo com a Revista Canavieiros, “A Abag/RP desenvolveu uma metodologia centrada na capacitação dos educadores, que são devidamente “apresentados” ao setor por meio de palestras, visitas, materiais audiovisuais, livros, cartilhas, artigos e até concursos.” (CLARIANO, 2021). No entanto, Rodrigo Lamosa e Carlos Loureiro (2014, p. 545), retratam que “O programa objetiva educar jovens, filhos de trabalhadores, apresentando o ideário da responsabilidade social e ambiental do agronegócio, enquanto caminho moderno e viável para a sustentabilidade, em uma região marcada pelo conflito social e ambiental.”

Os aparatos didáticos que vêm sendo desenvolvidos e utilizados nas escolas, deixam clara a atuação desses grupos na consolidação de uma pedagogia alinhada à lógica do agronegócio, reforçando valores produtivistas, mascarando impactos socioambientais e silenciando os conflitos históricos no campo brasileiro. Essa pesquisa parte do pressuposto de que tais materiais didáticos representam mais do que instrumentos de ensino: são mecanismos de reprodução ideológica e política do modelo hegemônico de desenvolvimento rural. Assim, como esses materiais didáticos atuam na tentativa de naturalização de um modelo de desenvolvimento agroexportador, atuando na construção simbólica de uma imagem positiva, higienizada e despolitizada do setor, ocultando seus impactos socioambientais e disputando a construção de uma verdade no imaginário de professores e estudantes?

2. METODOLOGIA

A abordagem adotada é de base qualitativa, e possui como metodologia a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), a qual viabiliza a compreensão dos objetivos e das narrativas presentes nos materiais didáticos vinculados ao agronegócio. A análise contempla a categorização das *unidades de sentido* mais recorrentes, atentando para expressões e construções lexicais que contribuem para a naturalização de uma imagem hegemônica do setor, como o uso reiterado de eufemismos e de representações que associam o campo à inovação tecnológica e à sustentabilidade.

Neste trabalho, destacamos a investigação dos materiais didáticos difundidos pela Associação “De Olho no Material Escolar” e pelo movimento “Todos a Uma Só Voz”, incluindo, respectivamente, o acervo da “Agroteca” e a análise da cartilha “ABC do Agro”. Os dados sistematizados, a partir da investigação deste material, serão submetidos à análise discursiva, à luz da perspectiva materialista de Pêcheux (1990) que pretende evidenciar os funcionamentos ideológicos que atravessam o discurso pedagógico, indicando como determinadas verdades sobre o agronegócio são enunciadas, reiteradas e tornadas comuns no espaço escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Associação “De Olho no Material Escolar”, criada por “mães do agro”, conta com seis programas, sendo, um deles, a “Agroteca”, e sua principal articulação é no campo político. O viés ideológico é explícito, ao propor a atualização dos livros didáticos e a formação docente alinhada à lógica do agronegócio. Outro movimento, em destaque, denominado “Todos a Uma Só Voz”, lançou a cartilha “ABC do Agro”, voltada ao público infantil e apresentada como uma proposta educativa de caráter lúdico e formativo. Tais materiais incorporam uma narrativa que naturaliza o agronegócio como sinônimo de progresso, inovação e sustentabilidade, sem abrir espaço para os conflitos socioambientais que o cercam.

Com base nas análises empreendidas, salientamos que a educação é alvo estratégico do setor empresarial nos dias de hoje. Nessa perspectiva, a Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG, em 2000, lançou seu primeiro Programa Educacional para as instituições públicas: “A Abag/RP desenvolveu uma metodologia centrada na capacitação dos educadores, que são devidamente ‘apresentados’ ao setor por meio de palestras, visitas, materiais audiovisuais, livros, cartilhas, artigos e até concursos.” (Clariano, 2021). Para Lamosa e Loureiro (2014, p. 545): “O programa objetiva educar jovens, filhos de trabalhadores, apresentando o ideário da responsabilidade social e ambiental do agronegócio, enquanto caminho moderno e viável para a sustentabilidade, em uma região marcada pelo conflito social e ambiental.”

Os dados preliminares apontam para uma forte presença de discursos hegemônicos nos materiais didáticos, com o uso estratégico da linguagem e da imagem na construção de uma visão positiva e tecnocrática do agronegócio, com a apropriação de termos e estéticas da crítica socioambiental em favor de uma lógica mercadológica. Nesta análise, verificamos que são substituídas terminologias de abordagem crítica, como é o caso do termo agrotóxico, por eufemismos como “defensivo agrícola”, ocultando-se as desigualdades sociais e os impactos ambientais causados pelo modelo agroexportador. Essa prática está em consonância com os debates construídos por Leher (2014) e Nannini (2023) quando denunciam este processo como parte do avanço do princípio do gerencialismo e da financeirização da educação, no qual o conteúdo escolar é instrumentalizado por interesses corporativos. Assim, a presença de materiais didáticos patrocinados por empresas do setor agrícola levanta questionamentos sobre a imparcialidade e a qualidade das informações transmitidas aos estudantes da educação básica.

O dossiê “Agro é fogo” (2021; 2022) expõe o agronegócio e o aumento nos índices de escravidão, desmatamento, incêndios florestais, discriminação a comunidades indígenas e tradicionais, fome, armamentos, uso de agrotóxicos e mineração nos últimos anos. Para Nannini (2023, p. 93), a face mais obscura do agronegócio esteve alinhada com as políticas governamentais recentes, dominando o país por intermédio do Legislativo: “o Agro firma-se como a principal força política, ideológica e econômica do país, sendo responsável pelo retrocesso da legislação ambiental e das leis de defesa dos direitos povos tradicionais.” Conforme discute o autor, o agronegócio concentra grandes volumes de capital econômico, cultural e simbólico, fator que permite sua organização e atuação política e ideológica, contribuindo para ampliar suas estratégias de acumulação.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa revela que os materiais didáticos produzidos por instituições vinculadas ao agronegócio operam como dispositivos de influência ideológica. Ao promover uma imagem positiva, homogênea e tecnocrática deste setor econômico, as cartilhas silenciam conflitos, ocultam impactos socioambientais e despolitizam o debate ambiental, apropriando-se do vocabulário da sustentabilidade. A partir da análise, fica clara a busca por uma pedagogia alinhada à lógica do agronegócio, reforçando valores produtivistas que mascaram os conflitos socioambientais, sendo disseminados, no espaço escolar, por meio de livros, jogos e atividades pedagógicas. Tais materiais representam mais do que instrumentos de ensino: são mecanismos de reprodução ideológica e política do modelo hegemônico de desenvolvimento rural da atualidade.

Afirmamos que a naturalização do agronegócio como um modelo indiscutível de desenvolvimento, compromete a formação crítica dos estudantes e reduz a Educação Ambiental a uma ferramenta de conformismo, em detrimento de sua função crítica e emancipadora. Propõe-se, como desdobramento, a elaboração de estratégias pedagógicas que revelem e denunciem esses mecanismos e abram espaço para outras vozes, saberes e formas de pensar a relação entre o ser humano e natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Associação Brasileira do Agronegócio. Site oficial. 2012. Disponível em: <<http://www.abag.com.br>>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- AGUIAR, Diana; SANTOS, Valéria Pereira. O AGRO É FOGO. **Agro é fogo: grilagens, desmatamento e incêndios na Amazônia, Cerrado e Pantanal**, 2021. Disponível em: <<https://agroefogo.org.br/dossie/>> Acesso em 13 jul. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CLARIANO, Fernanda. **De Olho no Material Escolar**: disseminando bons exemplos. **Revista Canavieiros**, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://www.revistacanavieiros.com.br/de-olho-no-material-escolar-disseminando-bons-exemplos>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- DE OLHO NO MATERIAL ESCOLAR. **De Olho no Material Escolar**. Disponível em: <https://deolhonomaterialescolar.com.br/>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- DIAS, Bárbara do Nascimento; PEREIRA, Valéria. BRASIL EM CHAMAS: o poder político no rastro dos incêndios. **AGRO é FOGO**, 2022. Disponível em: <<https://agroefogo.org.br/dossie/>> Acesso em 13 jul. 2023.
- LAMOSA, Rodrigo; LOUREIRO, Carlos Frederico B. Agronegócio e educação ambiental: uma análise crítica. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 83, p. 533–554, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/N8P6SXbKfqBqR4cZtBDZQxL/>.
- LEHER, Roberto. *Capítulo: Hegemonia, Contra-Hegemonia e Problemática Socioambiental*. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Volume 3, Brasília: MMA/DEA, 2013.
- MOTOKI, Carolina. **O fogo continua. Agro é fogo: grilagens, desmatamento e incêndios na Amazônia, Cerrado e Pantanal**, 2021. Disponível em: <<https://agroefogo.org.br/dossie/>> Acesso em 13 jul. 2023.
- NANNINI, Warllen Torres. **Agronegócio e a extrema-direita bolsonarista**: simbiose que engendra e amplia a barbárie socioambiental no Brasil', de maneira detalhada a face do agronegócio e, como ele esteve alinhado com o governo bolsonarista. **AMBIENTES**. Volume 5, Número 1, 2023, p. 55- 100.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.